

LEITURA E LUDICIDADE COMO CATALISADORES DAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO ESCOLAR

Bruno Gomes Pereira (UNITPAC/Araguaína)
brunogomespereira_30@hotmail.com

Marcélia Pereira de Sousa Leal (FIAVEC)
marceliaeduc@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise teórica sobre leitura e ludicidade como catalisadores das práticas de letramento escolar. Num primeiro momento é feita reflexão sobre a relação entre o lúdico e a leitura, compreendendo o conceito e como esses elementos se entrelaçam na construção do sujeito e sua postura na sociedade leitora. Em seguida busca-se a compreensão da concepção de letramento escolar, que se caracteriza como um conjunto de práticas sociais de uso da leitura e escrita. Por fim, é o momento de compreender como se dá a relação do letramento e ludicidade. Neste caso, compreende-se que o lúdico tem fundamental importância na construção da aprendizagem significativa da criança e no fortalecimento de seus valores e laços sociais.

Palavras-chave: Leitura. Ludicidade. Letramento escolar.

1. Introdução

A proposta deste artigo é analisar teoricamente com ajuda de alguns autores a leitura e ludicidade como catalisadores das práticas de letramento escolar. Tentando mostrar a relação existente entre o lúdico e a leitura, as concepções de letramento escolar e letramento e ludicidade. A ludicidade tem papel fundamental na vida da criança. Pois, é por meio do lúdico que a criança enfrenta desafios, firma conceitos, reconhece a participação do outro, sente confiança para expor seus sentimentos. Não poderia ser diferente no processo de aprendizagem, de alfabetização, onde o contato com a língua formal principalmente em sua forma escrita revela-se como um obstáculo a ser vencido.

Para essa reflexão é necessário também compreender um pouco do cotidiano escolar, do papel do professor como promotor de um ambi-

ente propício de interação entre esses elementos e a realidade de cada criança. A escola instituição responsável pela educação formal, planejada, holística revela-se para o aluno como um mundo novo, cheio de expectativas. Lugar de encontros, desencontros, certezas e incertezas, construção e desconstrução. O professor é peça essencial nesse ambiente, uma vez que ele que vai planejadamente conduzir o aluno pelos caminhos da descoberta, servindo como guia, orientador e companheiro rumo à construção de uma identidade letrada, alfabetizada, independente desse sujeito to que é posto em sua responsabilidade.

O desafio é compreender o conceito, as diferenças e a relação entre a leitura, ludicidade, letramento e ambiente escolar e como eles podem se entrelaçar na construção do saber ensinar, e saber aprender, desse sujeito amparado legalmente pelo direito de está matriculado, frequentando e aprendendo na idade certa no ambiente escolar com todas as condições que lhe são garantidas.

2. *Relações entre lúdico e leitura*

Tanto o lúdico quanto a leitura são ações inerentes do ser humano, este por sua vez destaca-se dos demais seres vivos por sua capacidade reflexiva. O ser humano é um ser social, tem a necessidade de viver em comunidade, onde desenvolve suas capacidades de interação como a fala, o ouvir, o modificar o meio em que vive por meio de suas ações. Por ser racional o ser humano procura ao longo de sua existência formas de interagir com o outro, de deixar suas conquistas registradas. Nesse processo observa-se o surgimento dos desenhos em cavernas, os símbolos linguísticos, matemáticos, astrológicos, registros da vivência, das atividades comerciais, entre outras.

O lúdico sempre fez parte do desenvolvimento humano, as crianças se privilegiam desse recurso como forma de desenvolver a criatividade e a imaginação, de trilhar novos caminhos, visualizar diferentes possibilidades sem a imposição de regras ou limites.

Contudo, parece que à medida que a infância fica para trás o prazer da descoberta e do lúdico também desaparecem, deixando a vida com um aspecto duro, cheio de regras, normas, o que era simples torna-se complexo, sério, carregado de compromissos.

O contexto escolar de alguma forma foi contaminado pelo desprezo do lúdico. Ouve-se muito que estudar é coisa séria. Que momento de

imaginação e brincadeira fica para hora do recreio, ou, a cargo de algumas disciplinas.

Mas, qual é a definição de lúdico? Segundo o *Dicionário Luft da Língua Portuguesa*, “Lúdico é um adjetivo masculino com origem no latim *ludos* que remete para jogos e divertimento”. Encontra-se também como sendo uma atividade relacionada ao entretenimento, algo que dá prazer.

Compreende-se que o lúdico é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois promove a construção do conhecimento, cria relações de convivência e laços sociais de forma prazerosa.

Segundo Nylse Helena Silva Cunha (2004), o ato de brincar possibilita infinitas maneiras de trabalhar com os alunos, a interação, o lúdico, a brincadeira em geral leva o aluno à construção do conhecimento, o brincar é muito mais que um simples momento de se divertir, é um dos caminhos que pode levar ao conhecimento.

Nesse contexto a criança cria possibilidades de resolver problemas, produz diálogos, interage com o outro e com diversas realidades imaginadas por ela.

O brincar é a forma mais natural de uma criança agir e expressar-se; preservar sua espontaneidade e colaborar para sua saúde emocional. Através do brinquedo ela estabelece contato com o mundo ao redor e se aproxima dele dentro dos limites de suas possibilidades; explora, desenvolve, transforma, exercita suas capacidades e constrói seu conhecimento. (CUNHA, 2004, p. 12)

Com base no pensamento do autor o lúdico favorece o desenvolvimento físico, emocional e intelectual da criança em todos os ambientes em que ela está inserida, de forma prazerosa e espontânea, é um ato social.

O *Dicionário Luft da Língua Portuguesa* define leitura como sendo a ação de ler algo. A palavra que deriva do latim *lectura*, que significa eleição, escolha, leitura. Também é a forma como se interpreta um conjunto de informações, ou acontecimentos, é uma interpretação pessoal.

A leitura assim como o lúdico também se apresenta como um ato social, uma forma do ser humano se relacionar com o meio e o outro. Um ato que não está necessariamente ligado a decifrar signos linguísticos. Antes a capacidade de compreender a realidade que o cerca. Em seu livro a importância do ato de ler, Paulo Freire (1989) mostra muito claramente

essa prática de leitura do mundo como precedente da leitura da palavra. Revela a importância de compreender o significado de tudo que o cerca como gosto, cheiro, imagens, sons, toques, objetos, fenômenos da natureza e daí por diante.

Em determinado momento da história a leitura revela-se como um ato de liberdade, como aquisição de direitos, como forma de reconhecimento social. Pois até pouco antes do século XIX era um direito de minorias. Muitos foram mortos por tentarem ter acesso aos livros e de alguma forma às informações guardadas nos mesmos. As bibliotecas eram vigiadas, muitos livros tinham suas páginas contaminadas com venenos para que a população não tivesse acesso, e quando tinham, morriam envenenadas.

Hoje a leitura da palavra é um direito de todos, é indispensável no cotidiano social. Pode-se dizer que lê é a possibilidade de construir sentido sobre o mundo letrado, com base no sentido que outro já tenha construído por meio de suas palavras escritas.

Segundo Maria Helena Martins (2003, p. 31), “a leitura é como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos”.

Mesmo sendo a leitura um direito de todos, classes menos favorecidas economicamente tem pouco acesso aos livros, por ainda serem de custo elevado. O advento do mundo virtual facilitou bastante o acesso ao mundo letrado com custos menores.

O lúdico e a leitura no contexto da criança independente se por meio do livro concreto ou virtual devem estar interligados, pois os dois são permitidos que o sujeito se aproprie de diversas realidades por meio do prazer. São práticas fundamentais para desenvolver o raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interação e interpretação do meio.

Tanto um quanto o outro são práticas de formação social, cultural, que estimulam a imaginação, ampliam os conhecimentos e enriquecem o vocabulário.

A escola como espaço formador de leitores autônomos, críticos e reflexivos precisa estar atenta às necessidades dos alunos, que tem nas suas múltiplas realidades um tempo e uma forma própria de aprendizagem. Cabe ao professor dos anos iniciais a sensibilidade de favorecer a criança espaços de formação leitora prazerosa, onde o aluno possa fazer suas in-

ferências no mundo da escrita por meio de sua imaginação e automaticamente apropriar-se da leitura num contexto social e individual.

3. *Concepções de letramento escolar*

A escola é o ambiente onde se constrói o conhecimento de forma sistematizada, formalizada, organizada, planejada. Muitas vezes o conhecimento apresentado na escola diverge do vivenciado no cotidiano das crianças em suas comunidades, famílias e culturas. Fator que provoca conflitos no modo de pensar e agir das crianças, principalmente quanto o uso da língua formal, na sua forma de escrita e fala. É um ambiente cheio de regras, e que nem sempre considera o conhecimento já adquirido pela criança em tempo anterior ao da vida escolar.

Para Magda Soares (1998), letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Nessa perspectiva em que o letramento dá sentido, entende-se que, o ato de decodificar símbolos linguísticos sem lhes atribuir sentido, ou seja, sem fazer relação com o seu contexto, não pode ser classificado como alfabetização ou letramento escolar. O que houve então foi um mero exercício de decifração de símbolos seguido de cópia.

O contexto escolar tem sido objeto de estudo de muito pesquisadores, suas práticas e métodos de alfabetização, qual é o mais adequado. Por muito tempo o modelo tradicional de alfabetização que ensina a ler partindo do simples ao complexo, letras, sílabas, palavras, frases, pequenos textos, até textos mais longos e complexos. Uma prática que leva tempo e quase sempre descontextualizada. Chegando até o método construtivismo que alfabetiza utilizando textos, autores, atividades que estão inseridas num contexto mais amplo. No entanto, ambos possuem suas complexidades, divergências, contradições e benefícios também.

Pois, como afirma Marlene Carvalho (2011, p. 65), alfabetizar é ensinar o código alfabético, letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e escrita. O letramento escolar então se dá quando alguém se apropria suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-las com desenvoltura, com propriedade, para dar conta de suas atribuições sociais e profissionais.

O letramento se caracteriza como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em con-

textos, específicos, para fins específicos, para objetivos específicos (KLEIMAN, 1995). Ou seja, as práticas de letramento então segundo a autora mudam de acordo com os objetivos e condições. Mas, vale lembrar que o mesmo deve considerar o contexto social.

Não basta mais a criança aprender a codificar e decodificar a escrita, é necessário fazer uso da leitura e da escrita na sociedade, conseguindo utilizar o material escrito, interpretando e posicionando-se criticamente diante dele.

O letramento é o uso social da leitura e da escrita. Essa afirmação chama a escola para trabalhar com os diversos usos da escrita na sociedade. O letramento precede a alfabetização, se inicia quando a criança começa a interagir socialmente com as práticas de letramento em seu contexto social. O letramento é um ato cultural que envolve religião, família entre outros grupos em que a criança está inserida. Considerando esses aspectos cabe a escola organizar-se para promover um aprendizado não mais automático e repetitivo, descontextualizado.

Na escola a criança deve compreender o caráter social da escrita, como ela surgiu, sua função, qual sua importância hoje, como usá-la de forma adequada nos diversos contextos sociais, como fazer uso da mesma no ambiente familiar, no grupo religioso, no ambiente virtual, nos diversos meios de comunicação, no mercado e em todos os ambientes em que essa criança está inserida.

Seguindo o raciocínio do letramento no contexto escolar, não se pode considerar a alfabetização como um pré-requisito para o letramento, nem reduzir letramento a um conceito escolarizado. Mas, também não se pode separar letramento escolar de letramento social, porque, ambos fazem parte do mesmo contexto social.

4. *Letramento e ludicidade*

Considerando que o lúdico é a capacidade de interferir na realidade por meio de brincadeiras e jogos, de forma prazerosa. Onde a criança interage com o outro e com as mais diversas realidades por meio da imaginação e desta forma constrói seus significados. E que o letramento é o uso social da leitura e escrita. Observa-se a estreita relação entre as duas práticas na vida da criança em idade escolar e de alfabetização.

Para Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985) cada criança desen-

volve sua própria maneira de aprender a ler e escrever, buscando construir seu conhecimento através da elaboração de hipóteses e do produto de um conflito cognitivo que permita avanços frente ao sistema de escrita.

A criança possui conflitos a serem resolvidos no âmbito familiar, social, emocional, escolar de aprendizagem. Para resolver tais conflitos lança mão do lúdico, da imaginação, dos jogos, do subjetivo.

A tecnologia e a internet abrem um universo de jogos educativos, que envolvem leitura, escrita, caça-palavras, desafios, caça ao tesouro. Espaços onde o lúdico pode ser desenvolvido livremente, e ao final de cada etapa proposta a criança consegue sozinha, ou com a ajuda de outra pessoa, resolver brincando os desafios. Uma questão a ser considerada neste caso é se a criança está conseguindo fazer a interação social do que foi aprendido no jogo.

Marlene Carvalho (2011, p. 133) diz que não há receita para a alfabetização e letramento, mas se na sala de aula houver coisas escritas para a criança olhar e examinar, sejam jornais, rótulos, embalagens, sacolas de supermercados, e um convite para brincar de ler, adivinhando o que está escrito, o professor perceberá que a criança já sabe de muita coisa. É fundamental desafiar as crianças a pensarem sobre a escrita, sobre a forma do traçado das palavras, seus sons, seus significados, onde estão e como estão na sociedade. Esse exercício aguça a criatividade da criança, levando-a interagir com outros colegas na formação de novas ideias, sentidos e significados.

Segundo Amelia Hamze:

Letramento é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir selecionando o que desperta interesse, divertindo-se com as histórias em quadrinhos, seguir receita de bolo, a lista de compras de casa, fazer comunicação através do recado, do bilhete, do telegrama. Letramento é ler histórias com o livro nas mãos, é emocionar-se com as histórias lidas, e fazer, dos personagens, os melhores amigos. Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender quem a gente é e descobrir quem podemos ser.

O imaginário de cada pessoa é carregado de significados, lembranças, sabores, cheiros, dores, saudades, alegrias. Enfim, cada ser é único em sua forma de ser, de pensar, de se constituir. O lúdico e o letramento chegam quase a se confundir nesse aspecto de dar significado ao que está posto, tornando a prática diária mais fácil de lidar.

5. Considerações finais

Muitas são as concepções de leitura, lúdico e letramento. Os autores e pesquisadores apresentam esses elementos cada uns dentro do seu contexto de pesquisa às vezes são convergentes e outras muitas vezes divergentes quanto a forma de aplicação das mesmas na prática escolar.

Após as leituras realizadas é possível considerar que a leitura e a ludicidade de fato são catalizadoras das práticas de letramento escolar. É possível considerar que o lúdico tem fundamental importância na construção da aprendizagem da criança, na construção de seus significados sobre o real, no fortalecimento de suas relações com o outro, na formação de valores e respeito às regras.

Outro fator importante a ser considerado é o letramento escolar, que ultrapassa o mero conceito de alfabetização mecânica e decodificante de signos linguísticos, mas chega rompendo a barreira do ingerir os conceitos sem a eles fazer nenhuma inferência.

O letramento no consenso dos autores apresenta-se como a ação social da leitura e escrita. Abrindo possibilidades de entender os significados das coisas, suas funções. E automaticamente podendo propor novas condições de aplicabilidade no contexto em que vivem.

É possível sim desenvolver no contexto escolar uma alfabetização letrada por meio do lúdico, basta o professor como agente organizador desse espaço se dispor para “acolher, nutrir, sustentar e confrontar” o educando, provocando-o sempre que preciso for para refletir sobre sua aprendizagem e como usá-la no dia a dia.

Esse tema é vasto e complexo, o que permite ainda muitas pesquisas e novos escritos, sempre na tentativa de novas descobertas, para assim melhorar a qualidade do aprendizado e automaticamente a sociedade em que estamos inseridos por meio do conhecimento crítico, que analisa, experimenta, confronta e volta a analisar quantas vezes for necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.

CARVALHO, Marlene. *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CUNHA, Nylse Helena Silva. *Brinquedo, linguagem e alfabetização*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FERREIRO, Emília; TEBEROSK, Ana. *A psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.

HAMZE, Amélia. *Alfabetização ou letramento?* Disponível em: www.educador.br/brasil/educador.uol.com.br/trabalhador/alfabetizacao.htm. Acesso em: 28-02-2017.

KLEIMAN, Ângela Bustos. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. *Oficina de leitura: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1993.

LEME, Miriam. *Guia prático do alfabetizador*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2009.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: UNESP, 1996.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.